

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA
INTERVENTIVA NA SAÚDE E NA EDUCAÇÃO**

**FRACASSO ESCOLAR DE UM ALUNO DA
7ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL DA
ESCOLA FIGUEIREDO CORREA**

Cristiana de Moura Ramos

**Fortaleza – Ceará
2004**

CRISTIANA DE MOURA RAMOS

**FRACASSO ESCOLAR DE UM ALUNO DA
7ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL DA
ESCOLA FIGUEIREDO CORREA**

Monografia submetida à Coordenação do Curso de Especialização em Avaliação Psicológica Interventiva na Saúde e Educação, como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista, pela Universidade Federal do Ceará.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Helena Cláudia Frota de Holanda

Maio – 2004

Esta monografia foi submetida como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista em Avaliação Psicológica Interventista na Saúde e Educação pela Universidade Federal do Ceará, e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca Central da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que seja feita de conformidade com as normas da ética científica.

Cristiana de Moura Ramos

MONOGRAFIA APROVADA EM: ____/____/____

Prof^a. Dr^a. Helena Cláudia Frota de Holanda
Orientadora

“Acredito que quanto mais o ser humano aprende, mais deseja aprender. O ignorante julga que já sabe o suficiente e não se interessa em procurar novos conhecimentos.”

Içami Tiba

A minha família, pela sua
compreensão e estímulo.

AGRADECIMENTOS

- A Deus, fonte inesgotável de amor e de misericórdia, por todos os dons que me concedeu e por mais uma oportunidade de crescimento pessoal em busca de meus objetivos profissionais.
- À minha orientadora Prof^a. Helena Cláudia Frota de Holanda, pelos ensinamentos ao meu trabalho e por acreditar que sou capaz.
- À Universidade Federal do Ceará / Centro de Treinamento e Desenvolvimento (CETREDE), pela contribuição na minha formação profissional.
- À Coordenação do Curso de Especialização em Avaliação Psicológica Interventiva na Saúde e Educação, pela dedicação prestada aos alunos.
- Aos professores, pelos ensinamentos transmitidos.
- Às minhas amigas do Juizado da Infância e Juventude: Sandra, Sheila e Rosa, pela ajuda prestada.
- A todos que direta ou indiretamente me ajudaram a tornar mais um sonho em realidade.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo estudar as causas do fracasso escolar através de um estudo de caso. Trata-se do aluno P.T.F.S. que cursa a 7ª série do Ensino Fundamental pela segunda vez na Escola Figueiredo Correa, e se encontra com 15 anos. Relatou-se a função de educar segundo a visão do educador Rubem Alves, e as causas do fracasso escolar de acordo com alguns estudiosos. Abordou-se a importância da família no processo educacional, e utilizou-se como métodos e técnicas: anamnese, entrevista e testes psicológicos, a fim de se levantar hipóteses sobre o fracasso do aluno na aprendizagem. Chegou-se a conclusão de que o fracasso na aprendizagem do aluno está relacionado com o fator emocional, pois o jovem não se sente amado, e isto tem prejudicado seu interesse em aprender.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. O QUE RUBEM BRAGA TEM A DIZER SOBRE EDUCAÇÃO.....	11
2. REFLEXÃO ACERCA DO FRACASSO ESCOLAR.....	15
3. OS DRAMAS DO “NÃO-APRENDER”.....	17
4. A APRENDIZAGEM E A RELAÇÃO COM A FAMÍLIA....	22
5. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O FRACASSO ESCOLAR POR PARTE DE PSICÓLOGAS E PEDAGOGAS..	27
6. PERFIL DA INSTITUIÇÃO ESCOLA FIGUEIREDO CORREIA.....	34
7. ANAMNESE.....	37
8. ENTREVISTA COM P.T.F. DA SILVA – 14 ANOS.....	40
CONCLUSÃO.....	43
BIBLIOGRAFIA.....	45

APÊNDICE.....	46
ANEXOS.....	51

INTRODUÇÃO

O fracasso escolar tem origens múltiplas: orgânicas, sociais, pedagógicas, emocionais. É tão complexo que pode ocorrer entrelaçamento destes fatores.

Segundo o professor titular aposentado da Faculdade de Educação da UFMG – Miguel G. Arroyo, há uma cultura do fracasso escolar:

“Cultura que legitima práticas, rotula fracassados, trabalha com preconceitos de raça, gênero e classe, e que exclui, porque reprovar faz parte da prática de ensinar – aprender – avaliar.” (ARROYO, apud ABRAMOWICZ & MOLL, 2003:12)

O professor também relata que tanto a escola privada quanto à pública adota a cultura do fracasso escolar. O fracasso escolar está relacionado com as condições sociais dos alunos e dos mestres, com a recessão, o desemprego, a miséria, os baixos salários dos professores, a degradação moral e cultural da sociedade.

Segundo o mesmo professor, os modelos de análise e intervenção pressupõem que os setores populares são incapazes

de acompanhar o ritmo “normal de aprendizagem”. Chegam à escola defasados, com baixo capital cultural, sem habilidades mínimas, sem interesse. Pesquisas já têm mostrado que a cultura escolar os estigmatiza e os rotula como diferentes, incapazes, inferiores, menos dotados para o domínio das habilidades pretendidas e exigidas pelo processo de ensino-aprendizagem.

A cultura do fracasso escolar tem se alimentado da própria condição dos setores populares, ou dos preconceitos em relação ao papel social previsto para a infância e adolescência: para ser pedreiro, faxineiro, vaqueiro, empregada doméstica, não é preciso ter habilidades como leitura e cálculo. Para que ocupa-los na escola e ocupar tempo, espaço, material didático?

Esses preconceitos e estigmas terminam sendo interiorizados pelo aluno e passam a ser componentes de sua postura diante do próprio rendimento.

Os estudos e reflexões críticas sobre o chamado “fracasso escolar” desvelaram a força de certos “postulados”, repetidos acriticamente por este Brasil afora, que, oscilando entre a patologização/culpabilização do aluno e do professor, desviaram o foco da atenção do alvo: a necessidade de reflexão sobre o fazer pedagógico, nele incluindo as esferas de influência: econômicas, políticas, culturais e não apenas as condições peculiares do educando e ao educador.

“Quanto ao referido aluno: incompetência, pobreza, inclusão em família ‘desestruturada’, deficiência, doença... Quanto ao professor: desinteresse (pela desvalorização do papel social e pelo aviltamento salarial), inadequação da formação, falta de ‘reciclagem’, não investimento em aprendizagem de novas ‘técnicas’ e/ou teorias [...]” (AMARAL, apud AQUINO, 1998:23)

Estudos atuais sobre o fracasso escolar apontam o fracasso da família como uma de suas causas principais. Muitos educadores afirmam que a falência da família é um fenômeno ou um problema contemporâneo e alegam, principalmente, que os pais já não sabem como educar seus filhos, e recorrem a especialistas, delegando tal responsabilidade a professores, psicólogos, médicos.

“Os problemas de aprendizagem escolar devem-se ao fato de a família não assumir sua função, deixando a cargo de especialistas as decisões parentais, e, além disso, o professor, que também recorre à ciência (psicologia, pedagogia, etc.), já não sabe qual é seu papel, o que resulta na situação atual.” (BOSSA, 2002:46)

Por ter o fracasso escolar, origens, causas e desenvolvimentos múltiplos, exige pesquisa em diversos campos do conhecimento e necessidade de atuação em enfoque interdisciplinar.

1. O QUE RUBEM ALVES TEM A DIZER SOBRE EDUCAÇÃO

“Educar é mostrar a vida a quem ainda não a viu, O educador diz: “Veja” – e, ao falar, aponta. O aluno olha na direção apontada e vê o que nunca viu. O seu mundo se expande. Ele fica mais rico interiormente. E, ficando mais rico interiormente, ele pode sentir mais alegria e dar mais alegria – que é a razão pela qual vivemos. Vivemos para ter alegria e para dar alegria. O milagre da educação acontece quando vemos um mundo que nunca se havia visto.”

(Rubem Alves/2003)

Alves (2003) é pedagogo, poeta, filósofo, teólogo, psicanalista e um dos intelectuais mais respeitados do País. Sua obra é bastante vasta, com mais de cinquenta títulos.

Alves (2003) tem na educação um dos temas que mais lhe causam perplexidade e inquietação.

O educador nos leva a refletir sobre a missão desafiadora da educação. Educar o ser humano para que ele possa desenvolver-se em sua plenitude.

O autor relata que um país se constrói da mesma forma como se constrói uma casa. Antes dos tijolos e do cimento, houve o desejo. “Que bom seria se eu tivesse uma casa!” Caso o desejo seja muito grande, ele se transforma em sonho. O sonho é quando o desejo fica visível. O sonho sozinho é fraco e chama a inteligência para tornar possível realiza-lo. Primeiro veio o sonho. Depois a inteligência. Os sonhos fazem pensar.

As escolas devem ser o espaço onde alunos e professores sonham e compartilham seus sonhos.

Segundo Alves (2003), a escola tem sido uma maratona para se passar no vestibular.

Para Alves (2003), a primeira tarefa da educação é ensinar as crianças a serem elas mesmas. Frequentemente, as escolas esmagam os desejos das crianças com os desejos dos outros que lhes são impostos. O programa da escola, aquela série de saberes que as professoras tentam ensinar, representa os desejos de um burocrata. Para o autor, as escolas devem ensinar às crianças a tomar consciência dos seus sonhos.

A segunda tarefa da educação é ensinar a conviver. A vida é convivência com uma fantástica variedade de seres, seres humanos: velhos, adultos, crianças das mais variadas raças e culturas. Conviver é viver bem em meio a essa diversidade.

O autor relembra que quando era aluno do Colégio Andrews, no Rio de Janeiro, era obrigado a decorar complexas taxonomias botânicas, porém, o professor jamais o convidou para visitar o Jardim Botânico para conhecer as plantas a que os nomes se referiam.

Para o autor, é fácil obrigar o aluno a ir a escola. O difícil é convencê-lo a aprender aquilo que ele não quer aprender.

O educador relata sobre José Pacheco, diretor da Escola Ponte, localizada ao norte de Portugal. Para Alves (2003), a escola é uma das mais inteligentes, porque leva muito mais a sério as perguntas que as crianças fazem do que as respostas que os programas querem fazê-las aprender.

Para o autor, nas escolas se forma rebanhos de ovelhas, todas balindo igual, pensando igual. Ovelha que pensa diferente é reprovada.

Nas escolas as crianças são transformadas em adultos. É isso que todos os pais querem: que seus filhos sejam adultos produtivos. Que passem no vestibular.

Para o autor, criança não é meio para se chegar adulto. Criança é fim, o lugar onde todo adulto deve chegar.

O autor relata que os programas escolares se baseiam no pressuposto de que os conhecimentos podem ser aprendidos numa ordem lógica, predeterminada. Ignoram que a aprendizagem acontece em resposta aos desafios vitais que estão acontecendo no momento da vida do estudante.

Isso explicaria o fracasso das escolas, o sofrimento dos alunos. Explicaria sua recusa em aprender. Ser “forçado” a estudar o que os professores decidirem e aprender da maneira deles.

Então acontece o esquecimento. Esquecido porque a memória é inteligente, e não carrega conhecimentos que não fazem sentido e não podem ser usados. Se foi esquecido é porque não fazia sentido.

Por isso, o autor acha inúteis os exames oficiais, inclusive os vestibulares que se fazem para avaliar a qualidade do ensino.

“O aprendido é aquilo que fica depois que tudo foi esquecido [...] Vestibulares: tanto esforço, sofrimento, dinheiro e violência à inteligência. Duvido que os professores de cursinho passem nos vestibulares. Duvido que um professor de português se saia bem em matemática, física, química... eles também esqueceram. Duvido que os professores universitários passem nos vestibulares. Eu não passaria. Por que essa violência com os estudantes?” (ALVES, 2003:23.,)

Para o escritor, as escolas existem não para ensinar as respostas, mas para ensinar as perguntas. As respostas nos permitem andar sobre a terra firme. Mas somente as perguntas nos permitem entrar pelo mau desconhecido.

Para o escritor, o problema fundamental da nossa educação não está na falta de recursos. O problema está em que não sabemos mais sonhar. Somos pobres em idéias. Não sabemos pensar.

A missão do professor é provocar o pensamento para educar.

A educação acontece quando vemos o mundo como um brinquedo e brincarmos com ele. O educador é um mostrador de brinquedos.

2. REFLEXÃO ACERCA DO FRACASSO ESCOLAR

A escola não tem conseguido cumprir o seu papel como Instituição onde conhecimentos construídos historicamente pela humanidade deveriam ser compartilhados.

Algo fracassa. São os professores, que não conseguem ensinar, não conhecem o método correto ou não o aplicam de modo adequado? São as crianças, despreparadas para aprender? Ou são todos esses fatores?

Alguns professores acreditam que a indisciplina é uma causa significativa que impede os alunos aprenderem. Parece haver consenso quanto ao fato de que os problemas da indisciplina são o produto da inadequação ou insuficiência do método de ensino empregado com uma possível imaturidade psicológica da criança. Esta imaturidade tem sido motivo de investigação e para a qual oscilam como responsáveis, ora o meio social e/ou familiar no qual estão inseridas as crianças, ora a existência de uma falha no

real do organismo, isto é, um problema biológico.

Este raciocínio é o que justifica o encaminhamento dos alunos para avaliações psicológicas.

“Segundo Foucault (1993), conjunto de mudanças sociais e políticas ocorridas a partir do século XVIII nos legou uma série de técnicas e de processos de saber cujo objetivo, extrair o máximo de eficiência num mínimo de tempo, vai fabricando no nosso cotidiano a idéia de um indivíduo possuidor de capacidades orgânicas, naturais e passíveis de um cálculo planejado a priori. Assim, a escola organiza-se segundo um conjunto de regras morais que se justificam em torno da perspectiva de virmos a formar um todo homogêneo, harmônico e eficiente.” (MEDEIROS, apud ABRAMOWICZ & MOLL, 2003:97)

Ensinar passa a se converter não mais num processo de transmitir aos mais jovens os conhecimentos acumulados historicamente pela humanidade, mas perseguir um conjunto de métodos e técnicas que visam à construção de um todo, um todo sem diferenças.

Passamos assim ao imperialismo do método de ensino. O importante são as seqüências a seguir, do mais simples para o mais complexo, intercaladas por exercícios de fixação e testes de avaliação da aprendizagem que classificarão e ordenarão os indivíduos.

Os professores de indisciplina e/ou de aprendizagem se estruturam como tais no seio de uma história que recorta como ideais não só o cotidiano escolar como a criança que aí se encontra. Em outras palavras, poderíamos dizer que a escola da modernidade, na medida em que procura apagar as diferenças entre os sujeitos acaba por fabricar os seus próprios problemas, mergulhando em uma situação de impotência onde não se pode

aprender.

3. OS DRAMAS DO “NÃO-APRENDER”

O fracasso na aprendizagem nos remete a um olhar atento. Um olhar que procure vislumbrar o sensível que está oculto, para além das abordagens e concepções especializadas, quase sempre preocupadas com explicações etiológicas e características psicopatológicas do sujeito que apresenta tais dificuldades.

O diferente faz emergir sentimentos e demandas. Representa a não-identificação com a personalidade esperada pela sociedade, neste caso, com a escola, na figura do professor. Portanto, diante do diferente, que ameaça a ordem instituída, geralmente, temos necessidade de catalogá-lo e, às vezes segregá-lo do convívio com os "iguais".

A conceituação sobre a dificuldade para a aprendizagem da leitura escrita de um indivíduo é concebida há bastante tempo.

Foi em 1917 que foi proposto o termo dislexia. Quando se fala em dislexia, aponta-se para uma dificuldade que é mais facilmente descrita do que denominada, apesar da variedade de sintomas e das muitas formas com que eles se combinam nos diversos indivíduos.

Existem dezenas de termos desde strephosymbolia, cegueira verbal, passando por disfunção cerebral mínima, distúrbios de aprendizagem, dislexia evolutiva, dislexia, além de muitos outros. São crianças de inteligência "normal" ou "superior", que não consegue usar a linguagem de maneira compatível com a idade ou a própria inteligência.

A dislexia, não sendo adequadamente identificada, leva os seus portadores, na maioria das vezes, a abandonar os estudos, evitar o convívio social e se submeterem a papéis sociais secundários, pela falta de compreensão de suas "deficiências" pelos pais, professores, educadores e pela sociedade como um todo.

O conceito de fracasso ou distúrbios de aprendizagem é menos absoluto do que geralmente se imagina. Numa sociedade não letrada, as vantagens dos disléxicos poderão ficar mais evidentes que as desvantagens.

Por outro lado, indivíduos com "total falta" de talento para a música, por exemplo, podem passar pelo atual sistema educacional sem maiores dificuldades, apesar de serem considerados em determinado contexto social como tendo um grave distúrbio de aprendizagem. Essas considerações levam a uma nova visão do significado das modificações cerebrais encontradas nos distúrbios de aprendizagem e sua relação, não apenas com o distúrbio, mas também o talento.

O "não-aprender", historicamente, vem sendo tratado como distúrbios, fracasso e patologias em geral. É possível concordar em parte, entretanto, "outras partes" estão aí, nem sempre descobertas.

Percebe-se que ainda se mantém o discurso que ratifica algumas das idéias tradicionais. Entre elas a falta de pré-requisitos ou de habilidades do sujeito, o baixo nível sócio-econômico, o privilégio no que falta. Em outras palavras, o discurso e a ação pedagógica, ainda hoje, centram-se na "falta de talento" do sujeito.

Há pessoas às quais falta algum talento, mas a não ser que esta pessoa tenha a infelicidade de nascer em uma casa onde insistam para que seja, por exemplo, músico ou artista ou atleta, apesar de sua óbvia "incapacidade", este indivíduo pode seguir sua vida tranqüilamente.

O indivíduo com dificuldades para aprender não pode escapar tão facilmente, porque a sociedade não tolera um estado permanente de total ou parcial não domínio de leitura e escrita. E, se tolera seguidamente, faz com que este sujeito tenha um rótulo, um estigma, colocando-o no lugar de não saber, equivalente ao arquétipo do buco. Pais, parentes, professores, irmãos e outros recusarão o descanso à criança. Há constantes lembretes do fracasso em adquirir uma habilidade sem a qual a pessoa fica excluída da sociedade. A não ser nas férias, e mesmo aí nem sempre, o disléxico está condenado à exposição diária dessa incapacidade na escola ou onde se encontrar. Somente aqueles poucos que tem professores e pais sensíveis e compreensíveis e a oportunidade de se submeterem a um tratamento especializado podem, de alguma forma, escapar desses contínuos lembretes. Mesmo assim, isso pode ser ainda escapatória apenas parcial,

uma vez que o sujeito com dificuldades nessa área, sempre precisa enfrentar pessoas com menos sensibilidade.

Neste caso, remetendo-nos ao cenário escolar um tanto quanto caótico, apesar de alguns avanços pedagógicos, percebemos que ainda persiste a idéia da "teoria do dom", na qual está polarizada a concepção inatista.

Tudo isso nos leva à conclusão de que os seres humanos têm talentos diferentes. É que nós precisamos apenas encarar a dislexia ou o não aprender como variações de talentos, oscilações cognitivas, cujas desvantagens são determinadas por circunstâncias sociais locais.

Um dos fatores responsáveis pela dificuldade de aprendizagem do sujeito pode estar relacionado aos aspectos importantes para o desenvolvimento. Para isso, citamos como fundamentais para um bom desenvolvimento, do ponto de vista da epistemologia genética, o seguinte:

1. O crescimento orgânico, especialmente a maturação, sistema nervoso e sistema emocional, como suportes de aquisições precedentes;
2. A importância do exercício e da experiência adquirida na ação sobre os objetos (ação construtora);
3. As interações e transmissões sociais, embora insuficientes por si sós;
4. A coordenação geral das ações a partir dos fatores anteriores.

Na abordagem piagetiana, a aprendizagem acontece por três grandes construções, tendo como premissa: o avanço do patamar posterior é decorrente de um anterior. E a construção dos esquemas sensório-motores prolonga e ultrapassa as estruturas orgânicas no curso da embriogenia. Tal desenvolvimento respeita os critérios: a ordem de sucessão é constante; cada estágio é caracterizado por uma estrutura de conjunto; as estruturas de conjunto são integrativas e não se substituem (cada uma resulta da precedente).

Nesse sentido, os pais, como refletores educacionais, principalmente a mãe no estágio sensório-motor, auxiliam na construção e na constelação de aprendizagens e sentimentos que comportam, com efeito, indiscutíveis raízes hereditárias (ou instintivas) sujeitas à maturação.

“Em 1945, Piaget já fazia referência ‘a esquemas afetivos como um aspecto particular de comportamento, ativado por sentimentos de prazer ou desprazer, de alegria, de esforço, de satisfação, e a frustração etc’. (Kessering 1993, p. 92).” (PERÉS, apud ABRAMAWICZ & MOLL, 2003:156)

Os dramas do aprender e do "não-aprender" são decorrentes dos diferentes momentos do conhecer, que lhe estendem a todos os indivíduos por diferentes e diversas razões, não os compreendemos, e facilmente adotamos a análise na perspectiva do fracasso e do distúrbio de aprendizagem.

4. A APRENDIZAGEM E A RELAÇÃO COM A FAMÍLIA

Sabemos que a base do interesse em aprender é o interesse do outro. Segundo Pain (*apud* FERNANDEZ):

*“Tudo começa na triangulação do primeiro olhar. No primeiro momento, a mãe do seu equivalente busca os olhos da criança, e a criança busca seus olhos; aqui há um encontro necessário para que haja aprendizagem, mais logo a mãe olha para outro lado, objeto ou pessoa, e seu filho também desvia o olhar para esse mesmo lado. Seus olhares encontram-se em um objeto comum, um objeto de reencontro, quer dizer, desses olhos nos olhos vai haver um deslocamento até outros objetivos de conhecimento.” (PAIN, *apud* FERNANDEZ, 1991:28)*

A aprendizagem é um processo que se significa familiarmente, ainda que se aproprie individualmente, intervindo o organismo, o corpo, a inteligência, o desejo do aprendente e do ensinante, mas o desejo é necessariamente o desejo do outro. Ela acontece em um movimento de construção e reconstrução de nós mesmos, do outro, da realidade, que nos circunda

e do próprio conhecimento. É a apropriação e a reconstrução do conhecimento do outro a partir do saber pessoal.

Portanto, o sujeito na construção do conhecimento e de sua autonomia está inserido numa família que influenciará a maneira deste aproximar-se do desconhecido. Como estrutura básica, a família tem papel preponderante (determinante) no desempenho do papel de aprendiz de uma criança. Pichon Rivière (*apud* POLITY, 1998:101) diz que “*a família é a estrutura social básica, o primeiro núcleo da construção de um sujeito.*” Nesse caso, a modalidade de aprendizagem é constituída a partir do modelo dos pais e do caráter de suas primeiras aprendizagens informais. Daí porque a modalidade de aprendizagem do sujeito na infância está entrelaçada com a modalidade de aprendizagem familiar em que está inserido.

Segundo Fernandez (1991:91), “*todo ser humano acha-se transversalizado por uma rede particular de vínculos e significações em relação ao apreender, conforme seu grupo familiar.*”

“*A modalidade de aprendizagem é como uma matriz, um molde, um esquema de operar que se utiliza nas diferentes situações de aprendizagem*” (FERNANDEZ, 1991:107).

É todo conhecimento que o sujeito vai internalizando a partir das primeiras relações vinculares. São formas de comunicação que a criança internaliza que vão determinar a percepção. É um modo particular de relacionar-se, buscar e construir conhecimentos. Esta modalidade tem uma história que

vai sendo construída pelo sujeito, inserido numa família que influenciará na maneira de aproximar-se do desconhecido.

Fernandez (1991), refere que quando se estuda a modalidade de aprendizagem de um sujeito deve-se observar: a imagem de si mesmo como aprendiz, como quem age simbolicamente as figuras ensinantes (pai e mãe). O vínculo com o objetivo do conhecimento.

A história da aprendizagem – a novela pessoal do aprendiz, como construiu e constrói sua aprendizagem.

A maneira de jogar.

A modalidade de aprendizagem familiar – como sua família aproxima-se do não conhecido-oculto, esconde, valoriza o segredo, comunica-se como conhecido.

Essa modalidade opera como uma matriz, mas está em permanente reconstrução, sobre a qual vai se incluindo as novas aprendizagens, transformando-a.

Entende-se, portanto, que a modalidade de aprendizagem individual é uma maneira pessoal de construir seu saber (é o vínculo que a criança estabelece com o outro, com os objetos do conhecimento, consigo mesmo, é a sua forma de aprender) nela, observa-se aspectos que estão ligados tanto ao indivíduo (organismo, corpo, inteligência e desejo) quanto a sua família, ambos intrinsecamente envolvidos na construção da modalidade de aprendizagem do indivíduo.

A visão do mundo de uma família, sua

estrutura e sua forma de aprender é o que se chama de modalidade familiar de aprendizagem, são os padrões de interação da família com o conhecimento, a forma pela qual se aproxima e descobre o que não sabe, como representa, conserva e expressa o conhecimento adquirido. Então, questiona-se até que ponto esta modalidade de aprendizagem (familiar) influencia na forma de aprender de seus membros, na construção da modalidade de aprendizagem individual.

É na família aonde cada pessoal vai construindo significações a partir de suas características peculiares (individuais) e vivências. Cada membro da família tem uma forma particular de se vincular com os objetivos do conhecimento, dependendo de como se estruturou como pessoa, de como seu aprender foi significado por seus pais e de como se relacionou com a modalidade de aprendizagem familiar. Quando a articulação destes fatores se dá de forma harmoniosa, o sujeito desenvolverá uma maneira saudável de relacionar-se com o conhecimento. O entanto, quando esta articulação se dá de maneira desequilibrada, ela tende a bloquear o uso da inteligência, favorecendo o surgimento da dificuldade de aprendizagem.

Os fatores presentes na modalidade de aprendizagem familiar que devem ser analisados quando surgem problemáticas na área da aprendizagem são:

- As significações inconscientes e pré-conscientes do aprender e do pensar que circulam ao grupo familiar;

- A modalidade singular de ensino de cada um dos pais em sua relação com a modalidade de aprendizagem de seus filhos;
- Atitude do grupo familiar frente à diferença.
- O grau de mobilidade ou cristalização da circulação do conhecimento dentro do grupo familiar (mitos, lealdades, mandatos, segredos, desmentida, padrões de repetição).

O modelo de aprendizagem familiar é transmissível através das gerações. Assim como os valores (éticos, morais, culturais), o legado referente ao relacionamento com o saber vem inscrito na história familiar. Será sempre um fator determinante para aprendizagem (ou não) de seus membros.

Fernandez (1991) observou que cada família tem uma modalidade de aprendizagem, a maneira pela qual cada grupo familiar se aproxima ou se afasta do saber. Esta modalidade é passada de pai para filho, e determina como as gerações mais novas se relacionam com o conhecimento.

5. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O FRACASSO ESCOLAR POR PARTE DE PSICÓLOGAS E PEDAGOGAS

Para uma melhor reflexão sobre o fracasso escolar foi usado um questionário (apêndice 1), baseado na experiência de profissionais na área de Psicologia e Pedagogia, onde faz-se um relato sobre o mesmo.

1. Profissional Rosa Chaves
(Pedagoga, cursando Psicopedagogia, professora de Escola Pública Estadual).

O fracasso escolar é a dificuldade que o aprendente tem para assimilar e acomodar o conteúdo das disciplinas. Esse fato causa evasão escolar e desistências do ensino formal, tornando o indivíduo excluído do conhecimento letrado.

Só existe fracasso escolar porque existe exclusão social, o aluno não tem hábito de estudo em casa e não recebe incentivo por parte da família. O ambiente onde reside não tem estrutura para se estudar, falta alimentação, pais desempregados, desentendimento ou lares desfeitos e junta-se a esses fatores as drogas, o desejo de consumo e a dificuldade que os pais tem hoje de educar e controlar a rebeldia dos filhos.

A escola não tem mecanismos para garantir a formação

de um jovem sozinha, ela precisa resgatar sua autonomia e ter aliados nesta luta, como a família e outros equipamentos sociais.

A escola precisa estar equipada para oferecer período integral para as crianças de baixa renda, com isso faz-se um trabalho de prevenção.

A família precisa ser conscientizada de seus deveres, para assim contribuir de forma satisfatória para a formação de seus filhos.

2. Profissional Sandra Albuquerque (Psicóloga e Psicopedagoga).

Quando se aborda a questão do fracasso escolar é necessário avaliá-lo considerando o contexto sócio-econômico do aprendiz.

Fala-se de uma escola ideal, e que só é considerada nestes parâmetros quando oferece um currículo com diversas atividades intra e extra-escolares.

O fracasso escolar pode ocorrer quando existe um certo desequilíbrio na elaboração do processo de assimilação - acomodação do aprendiz. Para desenvolvermos a avaliação, é importante, primeiramente ver a noção de como detectar o erro, que não se configura necessariamente o fracasso escolar, mas pode dar indício de que algo não vai bem.

A importância de observar e desenvolver estratégia de acompanhamento para que não se formalize previamente em fracasso escolar é fundamental.

Outro aspecto relevante é não conceituar o aluno como

único neste processo sem levar em conta, método, temporalidade e seu contexto sócio-emocional.

Não se pode mais analisar o fracasso escolar em uma perspectiva unilateral, ou seja, apenas no aprendiz, sem levar em conta a demanda da escola neste sentido este é um dos sintomas de uma crise na instituição de ensino.

As denominações do fracasso, às vezes são mantidas de forma bem simplória, ou seja, a preguiça, o despreparo, a falta de motivação. Esquecemos de analisar se o conteúdo apresentado pode ser inadequado ao aprendiz como também o método que é proposto.

Elaborando uma análise a respeito do acompanhamento escolar do aprendiz, podemos inferir que a repetência, a evasão, são características de fracasso, mas não exatamente do aluno, devendo ser considerado de todo um processo institucional escolar que se mostra incapaz de lidar com os segmentos pertencentes da demanda individual de cada escola.

Para formalizar uma queixa de fracasso escolar, antes de tudo deveríamos conhecer as relações do aprendiz e a história escolar. Evitar o estigma de um fracasso escolar só irá contribuir na formação global do indivíduo.

Contribuindo para a não efetivação, ou aspectos de fracasso, elencar a avaliação como uma prática de investigação processual, não de forma pontual, como sendo um meio de transformação e contribuição da realidade escolar do aluno.

É a partir de observações, da análise da reflexão crítica

sobre a realidade do sujeito envolvido no processo de trabalho educativo, que se organiza e estabelece a necessidade e prioridade para uma proposta de ação do processo de acompanhamento educacional do sujeito, acrescentando ainda que a avaliação do contexto escolar ultrapassa a apreciação do desempenho do aluno.

Vale ressaltar ainda que as condições de educabilidade do aluno decorrem, portanto não só das características de seu processo de desenvolvimento, mas também das práticas pedagógicas, que lhe são oferecidas.

A constatação que podemos inferir é saber que quem fracassa, já apresenta um sinal, pois começamos a deixar de realizar uma análise subjetiva para identificar concretamente quando, como e em que circunstância a escola apresenta um rendimento diferenciado. O pressuposto de que o conhecimento é sempre resultado de uma relação entre o sujeito e o objeto conhecidos não sendo então apenas a cópia do real e nem uma atividade subjetiva autônoma.

3. Profissional Sheila (Psicóloga e Psicopedagoga)

O fracasso escolar refere-se essencialmente a escola pública, já que esta é o contexto habitual de vários trabalhos, pois é aquela que melhor conhecemos e podemos tomar como referência.

A sociedade outorga a escola à missão de educar e instruir os alunos, visando a sua integração da forma mais plena possível com seres individuais e com critérios próprios para

abordar assuntos diferentes, tanto aqueles relativos à maturidade pessoal como os referentes a sua integração social. A escola não pode agir independentemente, existe um outro sistema mais abrangente, que é a administração do estado, dentro do qual ela está inserida.

O fracasso escolar pode estar mediatizada pelo modo como a escola trata as diversidades e pela sua possibilidade de ser flexível e acolhedora. Geralmente, dependendo da forma como a escola entende estes conceitos, dará ou não condições que se ofereça uma maior ou menor ajuda aos alunos com dificuldades.

Para que se possa evitar o fracasso escolar, um déficit no aprendizado, dependerá do conteúdo que a escola deseja ensinar, seja potencialmente gratificante para que o aluno possua uma atitude favorável para o aprendizado significativo.

Atualmente, o que se vê nas escolas, principalmente as particulares, é a corrida desenfreada pelo êxito no vestibular, atropelando as etapas de desenvolvimento do adolescente.

Uma criança que sai do Pré-Escolar para o Ensino Fundamental precisava ser preparada recebendo uma orientação sobre o novo ciclo que se iniciará: as suas modificações, o seu conteúdo, o sistema de novos professores e etc.

Mas o que se percebe é que os alunos quando chegam na 4ª Série, que passaram para o Ensino Fundamental II, já começam aderir à corrida para o vestibular, tendo aulas com conteúdos vastíssimos sendo que estes mesmos alunos, não tem nenhuma orientação adequada para esse novo sistema de aprendizado, além de não apresentar maturação suficiente, já que ainda estão

caminhando para a adolescência, sem nenhuma preparação para uma nova mudança.

Outro fator importante para evitar o fracasso escolar, seria a integração escola-família-aluno, que atualmente quase não existe, ou seja, a família que se resume na maioria das vezes somente na responsabilidade da mãe, que comparece à escola, muitas vezes, só para receber ou levar queixas do filho e não para elogiá-lo, ou agradecer à escola por um comportamento positivo do aluno.

A escola e a família são dois sistemas que tradicionalmente têm estado bastante afastadas, apesar de possuir freqüentes relações ou interações, seja em nível institucional (associação de pais, conselho escolar, etc) ou em nível individual (relação, família-professor).

Algumas vezes, a escola tem tomado para si de forma exagerada o papel de educadora, sem considerar a função educativa que é realizada em um ambiente familiar, ou seja, as funções de uma e outra foram excessivamente separadas, motivo pelo qual não é aproveitada suficientemente a colaboração entre as duas, o que facilitaria o alcance de determinados objetivos comuns.

Existem famílias que não tiveram experiências prévias com a escola e quando o seu filho inicia a escolaridade, deposita o papel da educação na escola, tomando uma atitude de total submissão e dependência, assumindo uma ignorância total sobre assuntos relacionados com a educação.

Outras famílias, no entanto, vivem a escola como uma

instituição fundamentalmente repressora e normativa, esperando que através dela seu filho adquira bons hábitos e se adapte às normas sociais e valores que eles próprios não conseguiram transmitir.

Outras famílias são conscientes da co-responsabilidade na tarefa educativa e solicitam à coordenação e colaboração dos professores para ajudar os seus filhos.

A criança naturalmente formará as suas expectativas em torno de modelos e informações que a família lhe proporcione e iniciará a sua escolaridade com esses condicionamentos.

Então, para que a criança tenha uma boa adaptação na escola, sentindo-se cada vez mais segura e dando um sentido às atividades que realiza, é importante que a família tenha e mostre uma certa confiança na escola e sinta tranquilidade quando deixa seu filho, demonstre interesse, curiosidade e valorize as suas aquisições e avanços.

A angústia e a ansiedade de pais e professores interferem nesta relação, e a criança sente-se prejudicada.

Se houvesse uma maior integração entre, escola-família-aluno, talvez pudéssemos evitar ou minimizar ao máximo o fracasso escolar.

6. PERFIL DA INSTITUIÇÃO ESCOLA FIGUEIREDO CORREA

A escola existe há mais de 30 anos.

Existem 1.500 alunos matriculados.

1.300 freqüentam a escola nos 3 turnos Ensino Médio (1ª a 3ª Série).

12 salas – Manhã

12 salas – Tarde

12 salas – Noite.

• Ensino Fundamental

2 turmas de 7ª Série – Tarde

2 turmas de 8ª Série – Tarde

• Ensino Tradicional

50 professores – 95% possuem Especialização e 5 professores possuem Mestrado.

- **Clientela**

Diversificada – 40 a 50% são moradores do bairro.

- **Alunos**

Classe média baixa, oriundos da vizinhança e dos bairros Parque Dois Irmãos, Serrinha, Siqueira.

- **Funcionários**

28 funcionários

- **Coordenadora de Gestão**

Lida com a comunidade.

- **Diretor**

Francisco Tavares

- **Coordenadora Pedagógica:**

Lanir

- **Orientadoras Pedagógicas**

Existem 02, uma no turno da manhã e outra à tarde.

- **Biblioteca**

3.500 livros.

- **Cantina Sortida**

- **Ensino Fundamental**

Merenda escolar.

- **Sala de Vídeo**

- **Laboratório de Informática:** não está funcionando.

- **Conselho Escolar**

- **Grêmio**

- **Congregação de Professores**

- **Dificuldades Encontradas na Escola** (segundo o Diretor):

- Dificuldade de aprendizagem dos alunos;
- Desinteresse dos alunos em estudar;
- Dificuldades financeiras;
- Maior espaço para a escola;
- Há uma quadra de esporte que ocupa grande espaço da Escola.

7. ANAMNESE

Dados fornecidos pela tia Carmosa

Aluno: P. T. F. da S. 14 anos

P. é criado pela tia. A tia de P., dona Carmosa, tem 4 filhos e P. é considerado 5º filho.

A mãe é Maria do Socorro, irmã caçula de dona Carmosa e a mais jovem de uma família de quinze filhos.

A avó de P. bebia, e na gravidez de dona Socorro fez uso de álcool. Dona Socorro não é normal, segundo a irmã, Carmosa, teve uma doença, trabalha como cabeleireira em Camocim/CE.

Dona Socorro tentou provocar aborto, quando era casada com Sr. Raimundo Nonato Torres, bem mais velho do que ela, muito ciumenta não acredita que P. seja seu filho, o Sr. Raimundo fazia uso de drogas.

Os pais biológicos:

Maria do Socorro (teve P. com 28 anos).

Raimundo Nonato Torres (Tinha \pm 50 anos quando P. nasceu).

Irmãos:

Irmã mais velha, Cristina (20 anos de idade e mora no Maranhão).

Givargo (17 anos de idade e mora com dona Socorro em Camocim).

Dona Socorro teve o bebê e o deixou na maternidade:

- Menino muito ativo;
- Não foi amamentado;
- Andou antes de completar um ano;
- Falou antes de completar um ano (a sua primeira palavra foi "pai");
- Sadio, só teve hepatite;
- Antes de dois anos sumiu de casa (foi encontrar o tio, Sr. Hilton, que trabalhava próximo);
- Escolaridade: 03 anos começou a estudar;
- A partir dos sete anos foi conviver com a mãe (manter relacionamento, não morar);
- Ele sabe que foi deixado no hospital, porém, pensa que foi porque dona Socorro e Sr. Raimundo não podiam criá-lo por motivos financeiros;
- É uma pessoa inquieta, desatenta, mexe com os colegas;
- Estudou na Creche da LBA;

- Estudou na Creche Tia Nelly;
- Estudou na Escola do BPTran;
- Estuda na Escola Figueiredo Correa desde o início do ano (2003);
- Repetiu a 4ª e 5ª Séries;
- Está melhor na escola atual;
- Não apresenta interesse em estudar.

8. ENTREVISTA COM P. T. F. DA S. – 14 ANOS

• Antecedentes Familiares

Com quem vive?

Vive com a mãe Carmosa (na realidade é tia do adolescente). Dona Carmosa e Sr. Hilton tem 4 filhos e P. é considerado o 5º filho. No momento Dona Carmosa está em Fortaleza e o Sr. Hilton no Maranhão. Os irmãos são funcionários da Marinha (3) e 1 é contador e mora vizinho à dona Carmosa e P. O relacionamento é normal, segundo o jovem. Gosta de Sócrates (funcionário da Marinha e que na adolescência teve envolvimento com drogas) e Givardo (irmão por parte de Sr. Raimundo e Dona Socorro). Givardo mora com Dona Socorro em Camocim.

Sr. Raimundo faleceu há mais ou menos três meses. Dona Carmosa afirmou que P. sentiu a morte dele, porém o jovem não comentou.

- **Doença na infância:** Hepatite

Estuda na 7ª Série e afirma gostar de estudar, porém não gostava de uma professora, no entanto esta professora já não ensina a turma de P.

Estuda 30 minutos por dia.

Tem dificuldade em português (não escreve bem).

- **Gosta de fazer:**

- Brincar de bola;
- Gosta de surfar.

- **Não gosta de fazer:**

- Ficar dentro de casa.

- **Planos de vida:**

- Ser Militar.

- **Qual profissão gostaria de exercer?**

- Ser militar, tem 3 irmãos na Marinha, porém quer servir o Exército. Tem enjôo do mar.

- **Acontecimento mais marcante durante a infância:**

- Uma amiga que morreu.

- **Saúde durante a adolescência:**

- Boa.

- **Aspectos da personalidade:**

- Que acontecimentos o deixam aborrecido, calmo e

agitado?

- Aborrecido:

O pai foi embora para o Maranhão (na realidade é seu tio).

- Calmo:

Desabafar.

- Agitado

Quando o chamam de Topo Gigio (por causa das orelhas de abano).

• Já sentiu vontade de morrer ou sumir?

- Não

• Sexualidade

Recebeu orientação sexual?

Professores do BPTran.

Tem vida sexual ativa?

-Não

• Drogas:

- Não usa drogas.

A mãe (tia) é costureira.

O jovem não manifesta vontade de morar com a mãe biológica no Camocim, porém irá passar as férias escolares com ela e o irmão Givargo. Afirma se relacionar bem com a mãe biológica, porém a tem como tia e considera Dona Carmosa (tia) sua mãe.

Tem saudades do pai Hilton (na realidade o tio).

Sr. Raimundo o tratava bem, porém não acreditava ser o pai de P.

CONCLUSÃO

O fracasso escolar é um tema extremamente intrigante e multifatorial. Ao estudar as causas da dificuldade de aprendizagem do aluno, foi possível concluir através de entrevista e testes que P.T.F. da S. apresenta uma boa cognição, e que a causa do seu fracasso escolar está associado a carência afetiva que o aluno sente, e que o impede de se tornar um ser aprendente.

A família é o espaço inicial onde se desenvolvem as primeiras experiências e aprendizagens. O grupo familiar pode favorecer uma aprendizagem saudável e alegre, pode também dificultá-la, produzindo diferentes sintomas e inibições.

As relações familiares parecem fragilizadas, principalmente a relação mãe-filho. No caso abordado, o aluno foi rejeitado pelos pais biológicos, e a mãe adotiva parece não ser uma mãe

suficientemente boa.

Ao compreender a interação do aluno P.T.F. da S. com sua família, esta poderá ser beneficiada em uma terapia familiar, possibilitando construir uma nova relação com o saber.

Seja qual for a etiologia da dificuldade da aprendizagem, a família é fator decisivo para a aprendizagem e adaptação escolar, exercendo uma influência determinante no desempenho do papel aprendiz do aluno.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOWICZ, Anete & MOLL, Jaqueline (orgs.). **Para além do fracasso escolar**. 6ª ed., Campinas: Papirus, 2003.

ALVES, Rubem. **Conversas sobre educação**. Campinas/SP: Verus Editora, 2003.

AQUINO, Júlio Groppa. **Diferenças e preconceitos na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo:

Summus, 1998.

BOSSA, Nádia A. **Fracasso escolar:** um olhar psicopedagógico. Porto Alegre: Artmed, 2002.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada:** abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

POLITY, Elizabeth (org.). **Psicopedagogia:** um enfoque sistêmico. São Paulo: Empório do Livro, 1998.

APÊNDICE

APÊNDICE I QUESTIONÁRIO

1. O que é fracasso escolar?

2. Por que ele existe?

3. Como evitá-lo?

APÊNDICE II
SONDAGEM PEDAGÓGICA

DADOS PESSOAIS:

NOME:

DATA DE NASCIMENTO:

____/____/____

NATURALIDADE:

ESCOLARIDADE:

SITUAÇÃO ESCOLAR:

Estuda?

Nome da Instituição:

Série/Modalidade:

Turno:

Ler

e

Escreve:

Repetiu alguma série? -----

Qual o motivo? -----

Já fez algum curso profissionalizante?

Qual?

Pontos positivos da escola:

—

Pontos negativos da escola:

Tem desejo de fazer alguma atividade
esportiva, recreativa ou
profissionalizante?

Dificuldades encontradas:

**ESCOLARIDADE DOS MEMBROS DA
FAMÍLIA:**

Pai:

Mãe:

Irmãos:

INFÂNCIA X ESCOLA

Freqüentou a escola quando criança?

Houve evasão?

Quando criança, quais suas brincadeiras preferidas? _____

Os brinquedos que mais gostava?

Quais as pessoas que orientavam suas tarefas? _____

Quem cuidava de você até os 12 anos? _____

O que você lembra da escola quando criança? _____

RELACIONAMENTO ESCOLAR:

Participava de atividades coletivas?

Quem são seus amigos?

Em que você gostaria de se especializar? _____

Há na escola alguém que lhe dispense uma atenção especial?

Fale sobre essa pessoa:

RELACIONAMENTO SOCIAL:

Tem acesso a livros, jornais ou outro meio de informação? _____

Qual?

Qual o lazer preferido por você?

E seus sonhos?

ANEXOS

ANEXO I TÉCNICA DE FRASES PARA COMPLEMENTAR

IDENTIFICAÇÃO:

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Instituição:

1. Eu sempre gostei de _____
2. Me sinto bem quando _____
3. Minha família é _____
4. Meus pais gostariam que eu _____

5. Me imagino no futuro fazendo _____

6. Quando criança queria _____
7. As pessoas pensam que eu _____
8. No mundo em que vivemos, vale mais a pena _____
_____ que _____
9. Prefiro _____
10. Não consigo me ver fazendo _____
11. Meus colegas pensam que eu _____
12. Eu me acho uma pessoa _____
13. Gostaria de que as pessoas _____

14. Sempre quis _____ mas
não conseguirei fazer _____
15. O mais importante da minha vida é _____
16. Acho que poderei ser feliz se _____
17. Não gosto de _____

ANEXO II

PROVAS DE ANÁLISE-SÍNTESE

- 1. Compondo imagens: análise-síntese complexa.**

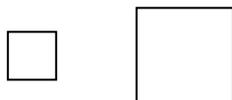
- Autor: Élon Teixeira (2000), In: “Criatividade e Aprendizagem Emocional”.
- Idade: a partir de 14 anos.
- Material: prancha, papel ofício, lápis preto n.º 2, lápis de cor, borracha.
- Ordem dada: a partir destes traços você vai compor uma figura.
- Queixa: dificuldade de: análise-síntese; figura-fundo; topografia; geometria; tabelas; escalas; gráficos; organização espaço-temporal.
- O que observar: qualidade gráfica; simbologia; distribuição dos elementos no espaço; criatividade; atenção-concentração; memória; pressão/preensão; perspectiva; angulação; proporcionalidade; percepção/discriminação visual; uso da borracha; cálculo de distância.

ANEXO III

PROVAS DE CÁLCULO

1. Prova de Noção Espacial

1. FAÇA UMA CRUZ NO MENOR DESTES DOIS QUADRADOS.



2. GRIFE A MAIOR DESTAS FIGURAS.

ACEROLA

MAÇÃ

- Autor: Perray Vancluse – Maturidade Escolar, 1990.
- Idade: 1 partir de 6 anos.
- Queixa: dificuldade acentuada nas noções espaciais; esquema corporal e lógica matemática.
- Material: 1 folha de prova e lápis preto n.º 2.
- Consigna: está na própria folha, podendo adequar-se ao vocabulário do aprendente.
- O que observar:
 - ✓ Noções espaciais: grande/pequeno; perto/longe.
 - ✓ Compreensão da ordem dada.
 - ✓ Conceito de direita e esquerda.
 - ✓ Simbologia.
 - ✓ Leitura interpretativa.
 - ✓ Inclinação do papel.
 - ✓ Pressão e preensão.
 - ✓ Ampliação de vocabulário.
 - ✓ Realismo nominal lógico.
 - ✓ Direcionalidade.
 - ✓ Qualidade do traço.
 - ✓ Horizontalidade/verticalidade.

2. Prova de Cálculos

- Autor: Central Didática – bloco de atividades, 2000.
- Idade: a partir de 8 anos.
- Queixa: dificuldades acentuadas de: cálculo, orientação espaço-temporal, lateralidade.
- Material: folha da prova, lápis n.º 2; borracha e lápis de cor.
- Ordem dada: faça os cálculos. Coloque os resultados no quadrado acima. Que figura formou. Se quiser, pode pintar.
- O que observar:

- ✓ Cálculos.
- ✓ Direcionalidade do traço.
- ✓ Orientação Espaço-Temporal.
- ✓ Figura-fundo.
- ✓ Análise-Síntese.
- ✓ Freio inibitório.
- ✓ Atenção.
- ✓ Concentração.
- ✓ Pressão.
- ✓ Preensão.
- ✓ Uso de borracha.
- ✓ Postura.

ANEXO IV PROVAS DE LINGUAGEM, ESCRITA E LEITURA

- Autores: Clarissa S. Golbert (1990).
- Idade: a partir de 8 anos.
- Queixa: dificuldade de: leitura; interpretação de textos; seqüência lógica; organização espaço-temporal; memória.
- Material: prancha, I, II, III, IV; papel ofício; lápis n.º 2; lápis de cor; borracha.

Prancha I: Identificar absurdos

1. O menino e o cachorro calçaram os sapatos.
2. As crianças acenderam a fogueira no rio.
3. Quando faltou luz, o menino foi ver televisão.

- Ordem dada: nas frases, você vai dizer o que não combina.
- Objetivos:
 - ✓ Atenção / Concentração.
 - ✓ Coerência.
 - ✓ Seqüência Lógica.
 - ✓ Compreensão da ordem dada.
 - ✓ Interpretação de textos.
 - ✓ Qualidade de leitura.

ANEXO V PROVAS DE PERCEPÇÃO VISUAL

1. Prova de Percepção Espacial e Visual

- Autor: Júlio B. Quirós (2000).
- Idade: a partir dos 10 anos.
- Queixa: dificuldades acentuadas de: leitura; escrita; apreensão visual e coordenação motora fina.
- Material:
 - ✓ 2 folhas de prova.
 - ✓ Lápis preto n.º 2.
 - ✓ Lápis de cor.
- Consiga: “Marque figura igual a esquerda”.
- O que observar:
 - ✓ Percepção e discriminação visual.
 - ✓ Direcionalidade.

- ✓ Pressão e preensão.
- ✓ Coordenação óculo-manual.
- ✓ Compreensão da ordem dada.
- ✓ Memória.
- ✓ Noção de direita e esquerda.
- ✓ Atenção e concentração.
- ✓ Freio inibitório.
- ✓ Símbolo e signo.
- ✓ Seqüência.
- ✓ Organização espaço-temporal.

ANEXO VI PROVAS DE PRODUÇÃO DE TEXTO

1. Categorização

Escreva alguns nomes que pertencem aos grupos.

1. Móveis _____
2. Cores _____
3. Bebidas _____
4. Vestuário _____

- Idade: a partir de 12 anos.
- Queixa: dificuldades cognitivas.
- Material: folha de prova; lápis n.º 2 e borracha.
- O que observar:
 - ✓ Capacidade cognitiva de classificação;
 - ✓ Formação de conjuntos;
 - ✓ Hipóteses;
 - ✓ Lógica;
 - ✓ Construção de conceitos;

- ✓ Conjuntos;
- ✓ Classificação;
- ✓ Associação (características comuns);
- ✓ Comparação;
- ✓ Diferenças;
- ✓ Qualidade da escrita;
- ✓ Generalização.

ANEXO VII

- Ordem dada: pintar as estrelas que se encontram na figura.
- Material: lápis de cor, borracha.
- Objetivo: Averiguar a percepção, atenção, identificação de figuras geométricas, percepção análise-síntese e figura-fundo.

ANEXO VIII

- Ordem dada: desenhar sua mão na folha, e coloque nos dedos suas qualidades, o que gosta em você, e fora da mão o que não gosta em você, os defeitos.
- Material: papel ofício, lápis, lápis de cor, borracha.
- Objetivo: Conhecer as qualidades e defeitos do aluno, segundo sua própria percepção. Averiguar sua auto-estima.

ANEXO IX

- Ordem dada: recorte figuras de revistas com que se identifique.
- Material: revistas, cola, canetinhas, lápis.
- Objetivo: conhecer os gostos, preferências, interesses do aluno.

ANEXO XTESTE PAR EDUCATIVO

- Ordem dada: desenhe alguém ensinando e alguém aprendendo.
- Material: folha de papel ofício, lápis, borracha, canetinhas, lápis de cor.
- Objetivo: averiguar como o aluno se vê como aprendente.